



MARCELO

Europeus e americanos divergem quanto à dívida

ZURIQUE (Da Enviada Especial)

— A tranquilidade externada pelo Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, sobre a solução para o problema da dívida externa brasileira, não encontra correspondência na disposição dos bancos privados de ajudar o Brasil.

Os bancos europeus e americanos têm, na verdade, posições diversas. Os da Europa, que emprestaram menos ao Brasil, providenciaram reservas suficientes para cobrir eventuais prejuízos causados pela insolvência dos países latino-americanos. Os bancos dos Estados Unidos não estão nessa mesma condição e terão prejuízos maiores. Por isto, exercem maior pressão para que o País adote

uma política austera e honre seus compromissos externos.

De acordo com declarações dadas à imprensa européia, os bancos europeus estão conformados com os prejuízos que terão com o Brasil. Ainda que perplexos com a atitude brasileira de suspender o pagamento da dívida, em um momento em que as negociações prometiam resultados favoráveis, eles arcarão com o ônus dessa decisão, mas não pretendem mais voltar a emprestar ao País.

O Vice-Presidente da Sovran Financial Corporation, James Kirk-Patrick, segundo o "Wall Street Journal", disse que os bancos não poderão fazer novos empréstimos a um tomador que não paga seus débitos atuais. Os representantes dos

bancos entrevistados pelo jornal, em sua edição de ontem, fizeram críticas à tese do crescimento econômico brasileiro. Para eles, as políticas adotadas pelo Brasil são inconstantes, pois há seis meses o País era estável e, agora, suspende o pagamento da dívida. Por não confiar nessa política, eles preferem o programa do FMI.

Outro ponto que causou perplexidade, tanto na imprensa estrangeira quanto nos bancos foi a forma e o momento da suspensão do pagamento. Todos concordaram que a renegociação seria feita em melhores condições, se não houvesse a suspensão. Eles creditam a decisão a uma necessidade política interna do Governo brasileiro.